

“INVENTAMOS OU ERRAMOS. UM PRÍNCÍPIO PARA PENSAR A DIMENSÃO
FILOSÓFICA DO EDUCAR?”

Walter Omar Kohan

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CNPq - FAPERJ

Proponho-me apresentar neste texto o pensamento filosófico-educacional do venezuelano Simón Rodríguez, quem fora chamado pelo seu discípulo Simón Bolívar de “O Sócrates de Caracas”. No intuito de propiciar um diálogo intercultural, ofereço não apenas uma figura pelo seu valor histórico mas, sobretudo, pelas suas ideias para pensarmos questões contemporâneas que nos interessam e que atravessam as interfaces entre filosofia e educação. Para tal efeito, destacarei alguns tópicos: a) a errância (deslocamento, viagem, nomadismo) como princípio de uma *vida educadora*; b) a educação popular, a que Simón Rodríguez deu sustento político, filosófico e existencial durante a primeira parte do século XIX na América do Sul; c) o pensar como princípio primeiro de uma educação social; e d) a invenção como princípio da formação e da identidade docente. A apresentação de algumas ideias de Simón Rodríguez permitirá atualizar o diálogo sobre essas questões que, penso eu, interessam de forma comum em América, Europa e África.

Palavras-chave: invenção; Simón Rodríguez; educação popular

Primeiro, uma pequena nota biográfica. Simón Rodríguez vive entre 1769 e 1854. Nascido em Caracas, expósito, é criado por um tio e com vinte anos o Cabildo de Caracas lhe concede o título de professor. Ensina na Escola de Primeiras Letras. Torna-se mestre do órfão Simón Bolívar, com quem estabelece uma relação duradoura e profunda. Ainda jovem, sai da cidade natal por razões difíceis de precisar, numa longa viagem que o leva a Jamaica, Norte-américa e Europa. Em Caracas publica apenas um documento, contendo uma crítica técnica da escola.

Para viajar, muda seu nome, de Simón Rodríguez para Samuel Robinson. Só as iniciais são mantidas. Mudar o nome parece indicar a busca de uma nova identidade, um estar no mundo diferente, um pensar de outra maneira, um praticar outras formas de vida. É também a marca de uma disposição, um não saber-se definitivo nem acabado. O novo nome acompanha Simón Rodríguez durante vinte e tantos anos até voltar a América, a completar, pela educação, a revolução libertadora iniciado por Bolívar: viajará para isso por Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Chile, outra vez com o seu primeiro nome.

Quando retorna à América, em 1823, onde havia um hospício abre em Bogotá uma escola, chamada "Casa de Indústria Pública", a primeira de suas duas grandes tentativas de traduzir suas ideias em uma instituição escolar. Obtém a concessão de um prédio público e ele mesmo trabalha na sua reposição e adaptação. É uma escola para o povo, os pobres, os brutos, os hilotas ou ilegítimos. Como o próprio nome sugere, é uma escola de ofícios, de produção e formação para a vida e para o trabalho, aberta aos bogotanos excluídos. Mas Rodríguez encontra problemas com seus interlocutores locais. É acusado de malgastar dinheiro público que deveria ser melhor aproveitado e quando sente que não há mais condições de tentar, deixa o projeto. Após encontrar Bolívar, planejam juntos o projeto de Educação Popular. Em Chuquisaca, então capital da Bolívia, Rodríguez é nomeado Diretor de Ensino Público e de vários outros assuntos, apresenta o Plano Educativo para o país e faz da educação popular uma escola. Depois de alguns meses, Sucre, sob a influência do clero, fecha a escola modelo criada por Rodríguez, acusando-o de abrigar "meninos, mulheres perdidas e preguiçosos"¹. Os princípios e o sentido de educação popular (educar os pobres e marginalizados de ambos os sexos para o trabalho e para a vida, formar os cidadãos que a república necessita com as pessoas da própria terra, desprovidas do que lhes pertence) provoca a reação. O que está em jogo são dois modos de fazer escola. Para Rodríguez, fazer escola é restituir o que é próprio aos despossuídos: a terra, a cultura, a linguagem, o pensamento, a vida. Os defensores do estado de coisas reagem violentamente: invertem sua restituição. Restituem à classe

¹ A. Guevara, 1977, p. 246.

oligárquica o que Rodríguez havia invertido na educação do povo, ensinam a ler e a gritar a bíblia e organizam as instituições para perpetuar o estado de coisas, como na Europa. Deixam desabrigados mais de duas mil crianças matriculadas e cerca de mil recolhidas². Fundam Casas de Misericórdia, Galerias, Institutos de Caligrafia para moças. Clausuram a escola para os desabrigados e a restringem aos mesmos privilegiados de antes. Rodríguez é deturpado e declarado louco, desqualificado como um estrangeiro.

Como cada vez que se sente incompreendido, Rodríguez não polemiza e se retira. Já não consegue encontrar Bolívar. Suas condições econômicas pioram gradualmente. Ainda que trabalhe e escreva incansavelmente, seus projetos ficam sempre com todo o dinheiro. Volta a Arequipa. Publica. Escreve. Retorna a Lima. Em 1834, viaja para o Chile, Concepción, onde é convidado a ser Preceptor de instrução primária e Diretor de ramos literários do Instituto de Concepción. Consegue publicar a primeira edição (introdução) de *Luces y Virtudes sociales*. No ano seguinte, um terremoto destrói a escola e a cidade. Em 1838 chega a Santiago, permanece pouco tempo antes de passar três anos em Valparaíso. onde funda uma nova escola. Publica na imprensa e reedita *Luces y Virtudes sociales* em 1840. Seus alunos e receitas diminuem drasticamente e busca um novo lugar viajando pelo Pacífico até chegar novamente a Lima, onde, em 1842, tenta publicar toda a sua obra, começando por *Sociedades Americanas en 1828*. A publicação não passa dessa primeira parte. Viaja para o Equador. Em Quito, dirige as Salinas do General Flores, Venezuelano, presidente do Equador. Mas Flores se afunda e Rodríguez passa a ensinar na escola de San Vicente, Latacunga. As aulas devem ser suspensas por que os vizinhos não pagam o acordado e precisa dinheiro para comer. Não encontra facilmente emprego. De volta para Bogotá, abre uma escola em Túquerres e, ao mesmo tempo, em abril e maio de 1849 um periódico bogotano publica seu *Extracto sucinto de mi obra sobre la educación republicana*. Ao chegar a Pasto, por razões políticas, decide voltar ao Equador, Latacunga, onde, em 1850, com quase 80 anos, volta a ensinar no colégio São Vicente, pela primeira vez focado na formação de professores. Mas depois de dois rápidos abandonos, decide voltar a Guayaquil e de lá, em

² Carta a José Ignacio Paris, 6 de janeiro de 1846. In: *Cartas*, p. 194.

1853, viaja para Lambayeque, no Peru, com seu filho José e um amigo deste, Camilo Gomez. Navegando em um barco frágil, sofre um grave acidente e no povo de Amotape, morre em 28 de fevereiro de 1854, com oitenta e quatro anos. Ao completar cem anos de sua morte, seus restos mortais são levados do "Panteón de los Próceres", em Lima, ao "Panteón Nacional" de Caracas. Seu corpo, só então, deixa de viajar. Eis alguns princípios para pensar um espaço entre filosofia e educação a partir de "o Sócrates de Caracas".

a) a errância (deslocamento, viagem, nomadismo) como princípio de uma *vida educadora*

"Eu não quero parecer-me às árvores, que se enraízam em um lugar, mas ao vento, à água, ao sol e a todas as coisas que marcham sem parar", diz Simón Rodríguez³ que, efetivamente, anda sem parar. Considera que, para aprender e para ensinar, é importante estar atento, e em movimento. Não esperar, nem ficar. Chegar e sair. Em movimento, estar atento. Por isso, as viagens formam parte de seu modo de vida. Vive viajando, o que significa que não vive para viajar, mas viaja para viver. Encontra sua vida nas viagens, no estar de viagem, a caminho, entre dois pontos, os dois igualmente insatisfatórios, como lugares de residência para alguém tão inquieto. De viagem se sente em casa, a caminho para um novo projeto, para um novo começo, para uma nova vida.

Estamos acostumados à imagem do professor como alguém firme, seguro, de pé em frente da sala de aula transmitindo seus conhecimentos aos alunos. Estamos habituados à fortaleza das árvores. A imagem se estende aos alunos: quanto mais concentrados - costuma-se dizer -, maior a probabilidade de um conhecimento mais sólido, de raízes mais seguras. Certamente não é assim que S. Rodríguez pensa a escola. Rodríguez faz escola viajando: é preciso andar para ensinar. Simón Rodríguez inventa uma figura errante de educador, a errância de um educador.

A errância em Don Simón se caracteriza pelos seguintes aspectos: a) embora suponha efetivos deslocamentos no espaço e no tempo, tem mais a

³ M. L. Amunátegui, *Ensayos Biográficos*. Tomo IV, Santiago de Chile: Imprenta Nacional, 1896, p. 236.

ver com uma intensidade do que com uma extensão no deslocamento, sua forma se encontra mais na qualidade do que na quantidade deslizada, mais em sua espessura do que em seu comprimento, mais na densidade do que na dilatação, mais no arranque e na velocidade do que no movimento em si mesmo, mais na intimidade da relação que se afirma do que em sua generalidade; b) não pode separar-se da ruptura e da revolução; errante é o que não se conforma com um estado de coisas ou alguém para quem as coisas não têm estado fixo, mas que busca interromper e tornar impossível a continuidade do que está sendo; a errância impede a fixação de um centro ou núcleo para o qual todas as coisas se remeteriam; c) não convive com uma preocupação consigo, mas com o exterior; o errante está atento e aberto inteiramente aos sinais do que demanda atenção, por isso a errância é uma forma de sensibilidade, de preocupação em relação com o fora e seus habitantes; d) não pode preencher-se; o errante se esvazia em sua errância. Ele não olha o mundo a partir de uma posição de saber, mas o faz, sensível aos saberes do mundo; e) sempre afirma *uma* vida, um modo de vida por criar, para qualquer ser humano. Na errância não há fixação desta ou daquela vida, de um modelo ou forma particular de vida, é a vida aberta a uma nova vida de todo e qualquer ser humano que acompanha seu movimento; f) não há como separar pensamento e vida, escrita e vida, pensamento e corpo, escrita e corpo, corpo e vida. O errante é o que se joga o corpo no encontro com outros corpos, o que, em seu pensamento, em seus escritos, se joga corporalmente a vida para mudar a vida, para interromper a vida onde ela não é vida, para permitir o nascimento de uma vida outra, nova, inexistente até o presente.

Assim, uma vida errante como a de Simón Rodríguez é errante não só ou nem tanto porque tenha se mudado de um lugar para outro permanentemente, mas porque justamente afirma cada uma dessas figuras em cada viagem, pela forma densa, intensa, persistente e permanente de romper com as formas de pensar e de viver de seu tempo, por não aceitar a tirania do estabelecido, pela sensibilidade para pensar e viver aberto inteiramente a revolucionar uma realidade educacional e social marcada pela exclusão e a submissão, e por afirmar a errância no corpo, em seu encontro

com outros corpos e outras vidas, na intensidade de uma vida de rupturas, de hospitalidade e compromisso contínuo com novos inícios de inconformidade, resistência e nascimentos carregados literalmente do peso dessa postura errante diante do estado de coisas, começando quase sempre de novo, como se cada estação, cada cidade, cada etapa de suas viagens significasse reverter tudo a um novo início.

b) a educação popular, que Simón Rodríguez sustentou política, filosófica e existencial durante a primeira parte do século XIX na América do Sul

Nas escolas da colônia, não há condições para que, todas as pessoas, índios, negros ou pardos possam estar na escola em iguais condições. Para Rodríguez, não há república se todos seus habitantes não passam pela escola como iguais. Ou seja, a colônia é o que é pelos que suas escolas mostram: uma realidade excludente, irreflexiva, discriminadora, hostil. Ao contrário, as escolas da República devem ser um espaço de vida hospitalária, reflexiva e para todos considerado iguais, se elas querem mostrar o que é uma república.

Por isso, a educação que a América necessita, que Rodríguez chama de educação geral, popular ou social, é justamente a que integra o conhecimento e a vida, que ensina as pessoas a viver,⁴ o que significa ensiná-las a serem pessoas ativas, motivadas, autossuficientes. De acordo com essa ideia, é todo o povo, sem exceção, que deve integrar o mundo do saber, do pensamento e da vida. Um povo educado é um povo integralmente educado, no qual todos pensam em todos e não somente em si mesmos. Ninguém é educado em uma sociedade onde existem pessoas, mesmo que seja uma única pessoa, sem educação. Esta é a escola que faz Rodríguez. Por isso não tem sentido trazer imigrantes europeus à América sem antes educar todo o povo americano desde a primeira infância. Imitando-se Europa, imita-se uma sociedade deseducada, com milhões de pessoas excluídas da educação e, portanto, do mundo social.

⁴ Ibid., p. 106.

Rodríguez se situa como um revolucionário, alguém que ajuda Bolívar a completar, por meio da educação, a revolução militar e política. A educação que América precisa é revolucionária, ou, dito de outra forma, sem educação não há revolução verdadeira em nossa terra, não há resistência, duração e consistência na revolução americana: o que é conquistado pela força será perdido sem uma prática educativa que consolide uma nova vida social. A educação, para Simón Rodríguez, é revolucionária porque significa inverter as prioridades e os valores sociais e também porque não há revolução duradoura sem uma educação na revolução.

Portanto, a educação só pode servir à revolução se realmente educa todos os que habitam este mundo. Não há revolução se há uma única pessoa sem educação. Não há educação revolucionária se não se educa toda a sociedade. A educação é para todos ou para ninguém. Todos devem aprender a viver e o pressuposto que subjaz neste princípio é que todos são igualmente capazes de aprender. Só é possível que todos aprendam se, de fato, acreditamos que todos podem aprender. Partir do princípio oposto, da incapacidade ou incompetência de alguns - que sempre são, na verdade, os mais excluídos e marginalizados da sociedade - consagra o fracasso da revolução e consolida o estado colonial. Não há grandes diferenças nos efeitos de excluir da escola a determinados setores da sociedades, seja porque se duvida das suas capacidades, seja por desprezo ou por indiferença. O efeito é o mesmo: o empobrecimento da vida coletiva. A educação é para todos considerados iguais ou ela não é educação revolucionária.

c) o pensar como princípio primeiro de uma educação social

Rodríguez propõe um professor que pense, invente, se preocupe por todos e cada um e não aplique cegamente alguns preceitos para transmitir calmamente um saber, mas que seja um leitor reflexivo, que tenha uma relação pessoal com seus alunos e que, também, seja bem pago e com boas condições, de tempo e de salário, para exercer a sua profissão. Rodríguez

propõe um professor que seja um artesão e um artista do seu trabalho: um mestre inventor. Ou seja, tudo o que os governos não querem para as escolas.

Também por isso aprender e ensinar a falar e a pensar estão, para Simón Rodríguez, antes do aprender e ensinar a ler e a escrever: porque o ensino e a aprendizagem primeiros, mais significativos, não são técnicos, mas reflexivos e só podem ser realizados em diálogo com outros. São, em última instância, a aprendizagem e o ensino de uma vida pensante, cuidadosa, que se examina a si mesma, de uma vida que merece ser vivida por todos os habitantes desta terra. São a aprendizagem e o ensino da vida de cada um e de todos os americanos, de uma escola social, popular, e conformam os princípios e sentidos de uma vida inventiva, sem igual e, ao mesmo tempo, entre iguais, como a republicana, muito mais que o conteúdo de uma técnica para se alcançar reconhecimento social e sobreviver numa sociedade que não merecemos e que não nós merece, como a monárquica.

Hoje em dia, o lema de uma "educação para pensar" tornou-se também um jargão fácil, repetido, tentador. Mas o que se entende nele por pensamento? O que se pretende ensinar quando se propõe uma educação que ensina as crianças a pensar? O que significa, nesse contexto, pensar?

Pensar é problematizar o mundo, fazer que as palavras digam algo mais do que estamos acostumados a pensar a partir delas. Reinventar sentidos. Mostrar que o impossível é possível ou que não há sentidos impossíveis para as palavras. Que tudo é possível quando se trata de pensar. Há aí uma relação próxima com o pensamento lógico, mas também com o ilógico, com o não saber. Esse não saber não é uma ignorância; é, antes, uma desobediência: desobedecer tudo o que obstaculiza ou impede pensar. Ao contrário, quando o pensar obedece apenas o ritmo da lógica e do saber estabelecido parece que, então, reproduz o já conhecido, o esperado, o possível. De outro modo, quando o pensar dá lugar ao ilógico parece surgir a possibilidade do novo. Como se o criar no pensamento precisasse tanto da lógica quanto da ilógica do pensar.

Seguir a lógica consagrada do pensar pode significar reproduzir a estrutura de dominação e extermínio que vem prevalecendo durante séculos na América. A lógica aprendida nas escolas monárquicas é um exemplo disso.

Aprendem-se aí habilidades de raciocínio sofisticadas como o silogismo aristotélico para concluir que é preciso fazer com que o índio trabalhe a golpes por não ser homem.⁵ Da mesma forma, os silogismos e os paralogismos que os jovens aprendem como papagaios nas escolas da Colônia se convertem nos silogismos que passam por razões de estado nos gabinetes ministeriais.⁶ O uso dessa lógica é inaceitável na América (e em qualquer outro lugar), na medida em que fundamenta uma ética e uma política ilógicas: na verdade sustenta o oposto do que deveriam ser a ética e a política.

Mais uma vez nos encontramos com a lógica do pensar. Novamente recordamos o slogan repetido em muitas escolas: "educação para o pensar"; de que educação se fala? Que imagem de pensamento se afirma? Será a lógica das habilidades? Também no pensar, Simón Rodríguez faz escola. Não é nessa lógica e tampouco nesse pensamento que ele aposta. Não se trata de competências. Seria, nesse caso, apenas um instrumento que pode ser utilizado em várias direções. Pensar não é simplesmente dominar habilidades, técnicas, ferramentas de pensamento. Pensar é ser sensível a uma terra e ao seu povo. Temos de aprender a pensar sentindo as pessoas e as terras da América. Um pensador não pode usar o pensamento para justificar a opressão, a subjugação e a escola não pode ser indiferente a esse uso do pensar.

Assim, o pensar referido pelo caraquenho reúne dimensões intelectuais e afetivas. É preciso pensar sobre outras bases, pensar sentindo, pensar pintando uma realidade de liberdade para todos os que habitam estes solos. Não está a verdade desta terra lá fora esperando para ser descoberta. A verdade precisa ser aqui inventada, como parte de uma ética e uma política que façam deste pedaço do mundo um lugar para que todos os que nele habitam possam viver como se deve viver, um lugar como não há outro na terra. É preciso inventar uma verdade mais justa, bela e alegre por esta terra.

d) a invenção como princípio da formação e da identidade docente

⁵ I, p. 243.

⁶ II, p. 26.

Simon Rodríguez sustentou, como poucos, para a educação na América Latina a importância de inventar e pensar em vez de imitar. O fez em diversos sentidos: em suas instituições, em seus métodos, nas suas áreas de intervenção. Ele sustentou essa bandeira de várias formas e servindo-se de várias razões. A primeira é que nenhum dos Estados modernos faz o que se deve fazer nesta terra: educar a todas as pessoas como iguais, de verdade, no saber e no fazer, para uma vida em comum por vir, inaugural, inaudita. Rodríguez não é estritamente americanista e a oposição entre o particular e o universal se mostra falaciosa para ler seu pensamento. Simón Rodríguez é as duas coisas ao mesmo tempo. O que ele quer para a América o quer para todo o mundo e a inventiva que pede para a América se justifica porque o que ela necessita não existe em outro lugar.

Não há nenhum sistema educacional a ser imitado, não há Estado que destine à educação o dinheiro que deve destinar, não há educação básica que abra suas portas a todos os que deve abri-las. Daí seu caráter de crítico radical, intransigente. Não existe República que tenha as escolas que deve ter uma República. As escolas funcionam quase tão mal na Europa quanto na América. A América deve inventar suas instituições e sua educação, porque não há em nenhum outro lugar as instituições e a educação que possam dar conta dos problemas que constituem a realidade americana que, no final de *Sociedades Americanas para 1842*⁷, resume em: a) que tenha pão para todos, de que não haja fome; b) administração de justiça, império de paz e diálogo; c) uma educação que ensine a pensar, isto é, a ter sensibilidade intelectual, a estabelecer todas as relações necessárias para entender um problema; também moderação para ocupar-se com o que interessa ocupar-se socialmente, para despreocupar-se com o que não importa e deixar o caminho livre para criar.

De modo que nós inventamos ou erramos. A invenção é critério de verdade, o suporte epistemológico, estético e político da vida que estamos afirmando na América. Nem todas as invenções são verdadeiras, mas sabemos que se não inventamos não podemos acessar a verdade, que a verdade não

⁷ I, p. 193 ss

pode ser imitada, reproduzida, copiada, modelada a partir de outra realidade. Temos de encontrar a verdade por nós mesmos, ou nunca a encontraremos. Como encontrar a verdade por nós mesmos? Como inventarmos? Rodríguez confia na formação das novas escolas de educação social para isso.

Mas a resposta a essas perguntas não é fácil nem está somente nas palavras de um texto. É preciso fazer corpo dessas palavras. É preciso sair a viajar com a verdade. Faz-se necessário viver a verdade com aqueles que habitam esta terra. É preciso fazer escola nas escolas. A própria vida de Rodríguez é uma tentativa por pensar, inventar e praticar essa verdade que tanto necessitamos, nós que habitamos esta parte do mundo: "não preciso me trancar para pensar, para dizer o que coletei no espaço de 50 anos: ou o tenho escrito, ou posso escrevê-lo em pouco tempo"⁸. Na época da escrita dessa carta, ainda ficavam outros quase dez anos para continuar andando a pensar a verdade, inventando a verdade, recolhendo a verdade emanada desta terra e de seu povo.

É preciso inventar... eis uma inspiração para qualquer professor. E a primeira coisa a ser inventada é a si próprio, um professor, um espaço para a invenção de si no interior das instituições educativas. Quem sabe essas palavras de Simón Rodríguez ainda façam sentido entre nós. Quem sabe, a partir delas, encontremos inspiração para inventar novos sentidos para nós e os que habitamos esta e outras terras.

Bibliografia

A leitura de Simón Rodríguez está baseada em suas obras completas, em dois volumes, de 2001. Incluo algumas outras referencias, citadas ou consultadas.

ALVAREZ F., Mercedes M. *Simón Rodríguez tal cual fue*. Caracas, Ediciones del Cuatricentenario de Caracas, 1966.

A.A. V.V. *Simón Rodríguez y las pedagogías emancipadoras de Nuestra América*. Montevideo, Editorial Primero de Mayo, 2012.

⁸ Carta à Roberto Ascázubi, 28 de julho de 1845. In: *Cartas*, p. 187-8.

- DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. *La Hospitalidad*. Buenos Aires, Ediciones de La Flor, 2003.
- DICIONÁRIO PAULO FREIRE. Danilo R. Streck, Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (Orgs.). Belo Horizonte, Autêntica, 2008.
- DURÁN, Maximiliano. "Simón Rodríguez: militante de una idea". In: A.A. V.V. *Simón Rodríguez y las pedagogías emancipadoras de Nuestra América*. Montevideo, Editorial Primero de Mayo, 2012, p. 73-101.
- _____. "La supuesta influencia de Rousseau en el pensamiento de Simón Rodríguez: La tesis del *Emilio*", *Iberoamérica*, Revista del Instituto iberoamericano de Berlín, a. XII, n. 42, p. 7-20, 2011.
- _____. "Radicalidad y originalidad en el proyecto de educación popular de Simón Rodríguez", *UNICA*. Revista de Artes y Humanidades de la Universidad Católica de Maracaibo, v. 12, nº 3, p. 85-105, 2011.
- _____. "Infancia y Hospitalidad en Simón Rodríguez". *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 83-102, jan./jun. 2008.
- JORGE, Carlos H. *Educación y revolución en Simón Rodríguez*. Caracas, Monte Ávila, 2000.
- _____. "Los extractos de Simón Rodríguez". *Apuntes Filosóficos*. n. 31 (2007), p. 7-18.
- LASHERAS, Jesús Andrés. *Simón Rodríguez. Maestro Ilustrado y Político Socialista*. Caracas: Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez, 2004.
- LÓPEZ P., Jorge. *Simón Rodríguez. Utopía y socialismo*. Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1989.
- ORGAMBIDE, Pedro. *El Maestro de Bolívar. Simón Rodríguez, el Utopista*, Buenos Aires, Sudamericana, 2002.
- ORTEGA, Francisco A., "Tomen lo bueno, dejen lo malo: Simón Rodríguez y la educación popular". *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá, n. 38, enero 2011, p. 30-46.
- PRIETO C., Daniel. *Utopía y comunicación en Simón Rodríguez*. Caracas, Academia Venezolana de la lengua, 1987.
- PUIGGRÓS, Adriana. *De Simón Rodríguez a Paulo Freire*. Educación para la integración latinoamericana. Buenos Aires: Colihue, 2005.

- PULGAR M., Camila. *La materia y el individuo. Estudio literario de Sociedades Americanas de Simón Rodríguez*. Caracas, El perro y la rana, 2006.
- RANCIÈRE, Jacques. *El maestro ignorante*. Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2007.
- RODRÍGUEZ, Simón. *Obra Completa*. Tomos I-II. Caracas, Presidencia de la República, 2001.
- _____. *Cartas*. Caracas, Ediciones del Rectorado de la UNISER, 2001.
- ROSALES, S., Juan José. *Ética y razón en Simón Rodríguez*. Caracas, Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez, 2008.
- ROZITCHNER, León. *Filosofía y emancipación*. Simón Rodríguez: el triunfo de un fracaso ejemplar. Buenos Aires, Ediciones Biblioteca Nacional, 1012.
- RUMAZO GONZÁLEZ, Alfonso. *Ideario de Simón Rodríguez*. Caracas, Ediciones Centauro, 1980.
- _____. *Simón Rodríguez: maestro de América*. Caracas, Universidad Experimental Simón Rodríguez, 1976.
- TRASLADO DE LOS RESTOS DE SIMÓN RODRÍGUEZ, DE LIMA A CARACAS. Caracas, Ediciones del Ministerio de Educación, 1955.
- USLAR P., Arturo. *La isla de Róbinson*. Caracas, El Nacional, 2009.